"Nirez, O Homem de Cera"

JUAREZ LEITÃO*

WILSON SERAINE, jornalista piauiense, que estou conhecendo agora, conquista a nossa admiração pela atitude que estamos testemunhando nesta noite. Atitude, sim, porque a decisão que tomou de homenagear NIREZ, ilustre personalidade cearense, uma das referências culturais de nossa terra, se constitui um gesto de grandeza e um ato de justiça, procedimento geralmente praticado por espíritos elevados, gente de alma nobre e grande sentimento.

No Ceará, temos o hábito de nos acostumar com o triunfo.

Feitos grandiosos, heroísmos, habilidades estarrecedoras, conquistas pioneiras e outras mirabolantes peripécias humanas, são nesta nossa terra rapidamente assimilados e passam a ser encaradas com normalidade, como coisas comuns.

Como se fosse fácil, por exemplo, se chamar Farias Brito e ser o maior filósofo do Brasil;

Ou Capistrano de Abreu e ser o maior historiador brasileiro;

José de Alencar e ser o Pai do Romance Nacional;

Clóvis Beviláqua e ser o maior jurista;

Alberto Neponuceno e ser o maior compositor clássico.

Ou, ainda, se chamar Jovita Feitosa, a adolescente dos Inhamuns que se alistou para lutar na Guerra do Paraguai e foi chamada de "Joana D´Arc brasileira."

Ou Rachel de Queiroz, publicar um romance de sucesso aos 20 anos e ser a primeira mulher a ter ingresso na Academia Brasileira de Letras.

Ou abolir a escravatura quatro anos antes da Lei Áurea. Ou fundar uma Academia de Letras três anos antes da Academia Brasileira de Letras.

---

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

E quando estamos nos convencendo de que essa pabulância é um ufanismo torpe, surge-nos agora um rapaz do interior do Ceará, um menino da caatinga chamado Mailson Furtado, que, depois de ter conseguido o primeiro lugar na categoria poesia, arrebata sozinho o Prêmio Jabuti, o maior prêmio literário da América Latina, deixando boquiabertos os estelares da literatura brasileira, superados por um fedelho do município de Varjota, um lugar dos confins do sertão bravio que se tem muita dificuldade para encontrar no mapa.

Daqui a dois meses ou menos voltaremos a achar normal uma vitória desse tamanho até quando outro cabeça-chata explodir nas manchetes por sua inteligência e pelo jeito original de interpretar a vida e ajudar na construção do mundo.

Por essas e por outras posturas de simplificação é que nos acostumamos com uma dessas figuras extraordinárias de nossa história contemporânea, com o GRANDE NIREZ, com o seu apostolado cultural, com seu desempenho missionário, com o trabalho beneditino de encontrar as realizações anteriores, garimpando artefatos musicais do passado e preservando as imagens da vida de um outro tempo, com a consciência de que o fio da história não pode ser quebrado e que o conhecimento do presente foi possibilitado por outras gerações, o que nos obriga à responsabilidade continuadora.

Ter essa consciência e passar do pensamento à pratica, tomando nas mãos a tarefa hercúlea de recompor a memória do passado, enfrentando a ignorância dos oportunistas de todos os quilates, aqueles que, no afã de parecer modernos, aderem apressadamente às cambiantes e efêmeras ofertas do tempo, confundindo o que é bom com o que é novo.

Ter a sensibilidade para distinguir a gema preciosa, do ouro de aluvião; o verso bem cunhado, da banalidade atrevida; a melodia sedutora e melíflua, do barulho caótico, não é para os apressados de ocasião: é, sim, para os que tem inteligência seletiva, competência e cuidados para exercê-la.

Este livro resultou de uma grande entrevista, onde o Nirez, com a franqueza proverbial que todos conhecem, abriu as porteiras da alma e contou as muitas estações de sua vida.

Falou dos remansos da infância, do tempo em que ainda havia – como diz a canção – galos e quintais; do apelido de "inglês" que lhe deram nesse tempo, do que resultou Nirez, nome original e charmoso que virou uma marca de qualidade, uma reserva preciosa de conhecimentos.

Pois bem, meus amigos, embora pareça um sujeito comum, um fortalezense típico que nasceu em plena Era Vargas na rua Visconde do Rio Branco começo do antigo Calçamento de Mecejana, um nordestino que – como os outros – começou a trabalhar cedo, a namorar cedo e a praticar outras precocidades, o filho do poeta Otacílio é um homem incomum.

Tão incomum que, enquanto os outros fumavam, envenenando os pulmões e abreviando a vida, ele colecionava as carteiras de cigarro vazias. E enquanto os outros bebiam, ele retirava os rótulos das garrafas, pregando-os em álbuns que hoje formam uma preciosidade documental.

Tão incomum que, enquanto os outros se desfaziam de seus discos de cera deslumbrados com os avanços fonográficos, ele os guardava cuidadosamente e os afagava com carinho como se fossem membros de sua família, como se fossem filhos.

Tão incomum que, enquanto os outros jogavam fora objetos a que chamavam "trastes", ele os recolhia, catalogando-os e os arrumando em gavetas e estantes.

Tão incomum que, enquanto os outros – ao completar 80 anos - reúnem os descendentes para aquela inefável bajulação clânica, ele comemorou suas oito décadas de vida pulando de paraquedas feito um pássaro peralta e serelepe.

Fortaleza, senhoras e senhores, deve ao Nirez ter ainda o seu retrato antigo.

A alvenaria do passado, esta já foi quase toda destruída em nome do progresso, como se não fosse possível conviver e manter a harmonia entre a antiga e a nova arquitetura. A casa do Barão de Studart, um dos fundadores desta instituição cultural, hoje é um estacionamento de carros.

Mas, restaram as fotografias. Aquele jeito singelo de ser está lá retratado. As moças vestidas de melindrosas, sentadinhas nos bancos do Passeio Público, cândidas e ternas.

Os homens de chapéu e paletó branco, sapatos bicolores e cabeleiras embrilhantinadas.

Os sobrados, as casas de beira e bica, as ruas se espreguiçando no compasso singelo do tempo, trilhadas pelos bondes puxados a burro e ecoando o grito dos pregoeiros.

Ruas que atendiam pelos nomes poéticos de rua da Aurora, rua das Belas, Beco das Almas, rua Formosa, rua da Soledade, Travessa da Alegria, Praça da Conceição ou Beco da Apertada Hora.

Os homens fazendo discursos nas praças, nos comícios exaltados do PSD e da UDN.

Os vândalos do patriotismo desvairado praticando o quebra-quebra, em 1942, contra as lojas dos italianos e alemães e destruindo como uns demônios o Jardim Japonês do senhor Jusako Fujita, conhecido como seu Guilherme do Otávio Bonfim.

Cenas remotas da história desta cidade, preservadas por quem tem paixão por ela e a cultiva de seu jeito amoroso de caprichado cuidador.

Nirez não é apenas um indivíduo. Um elemento comum que estudou, trabalhou, constituiu família e amadureceu como os demais passageiros da vida.

Nirez é um ente épico, um filho cívico da paixão, um Ulisses voltando de Troia para Ítaca, eternamente enamorado desta outra Penélope, a sua amada Fortaleza de Nossa Senhora d´Assunção!

Nirez é a paisagem antiga de nossa cidade, os costumes pacatos dos tempos avoengos, o coreto antigo da Praça do Ferreira, o concurso do Primeiro de Abril debaixo do Cajueiro Botador!

Nirez é uma fotografia esmaecida tirada por um lambe-lambe, um bando de crianças dançando ciranda no terreiro e cantando felizes a "Terezinha de Jesus" e o "Três três passará, derradeiro há de ficar".

É um pote de aluá, um caldo de cana da garapeira do Bem-Bem, uma jarra de gengibirra, um copo de refresco do pega-pinto do Mundico.

Nirez é a nossa memória, nossa história e a nossa melhor e bem composta melodia.

A urbes, a polis, o traço urbanístico de Silva Paulet, a Fortaleza Descalça de Otacílio, seu pai e seu herói.

Por isso, senhores convidados, é que os convido para - nesta noite de celebração da vida - conhecer este livro e fazer a viagem pelo universo sentimental e humano de MIGUEL ÂNGELO DE AZEVEDO, o Nirez, memória e monumento de Fortaleza e de todos os caminhos líricos do Brasil.

MUITO OBRIGADO.

(Apresentação realizada no Instituto do Ceará na noite de 23 de novembro de 2018)